

Crítica cultural latino-americana (do Sul) e o poeta Douglas Diegues: pensamento liminar indesejado?

Marli Lucia de Oliveira Barbosa Leite¹

RESUMO

Este ensaio tem a proposta de promover discussões acerca da crítica cultural latino-americana (do Sul), a partir da América Latina, na perspectiva dos estudos culturais, buscando conceitualizar os vocábulos latino-americano/subalternidade, enquanto crítica, de acordo com aqueles que teorizam de seu locus enunciativo, como igualmente, relacioná-la com o que nos apresenta o poeta brasiguaiou Douglas Diegues. Utilizo, para tanto, o arcabouço de teóricos latinos: principalmente Hugo Achugar (2006); Walter D. Mignolo (2003); Edgar C. Nolasco (2013), além de outras literaturas referenciadas, e o que nos proporciona o bojo da Literatura Comparada dentro dos estudos culturais. São autores de uma periferia que buscam a descolonização, agora, do conhecimento, como também de uma teorização que pretende promover balbucios na intenção de serem ouvidos aqui, na América Latina e alhures.

Palavras-chave: Teorização. América Latina. Douglas Diegues.

RESUMEN

Este ensayo es la propuesta de promover la discusión de la crítica cultural latinoamericana (del Sur), de América Latina, desde la perspectiva de los estudios culturales, tratando de conceptualizar las palabras latinoamericanas/subordinadas, si bien es crítico, según los que su teoría es su locus de enunciación, como también relacionarlo con lo que se presenta la brasiguaiou poeta Douglas Diegues. Yo uso para ello, el marco teórico de América: principalmente Achugar Hugo (2006); Walter D. Mignolo (2003); Edgar C. Nolasco (2013), y otras literaturas que se hace referencia, y lo que nos da el bulto de Literatura Comparada en los estudios culturales. Son autores de una periferia en busca de la descolonización, ahora, el conocimiento, sino también una teoría que busca promover el balbuceo en un intento de ser escuchados aquí, en América Latina y en otros lugares.

Palabras clave: Teoría. América Latina. Douglas Diegues.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na área de Teoria Literária e Estudos Comparados. Licenciada em Letras (UFMS) e em Pedagogia (UNIMES); Técnica/formadora/Gestora das Bibliotecas da REME/NUTEC/SEMED – Campo Grande-MS. E-mail: marliobl@gmail.com.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Soy apenas el inbentor de um concepto de portunhol selvagem, um portunhol salbahem enquanto habla y escritura y non-lengua. Um concepto falsificado, paraguayensis, pero que nim Borges y suos acólitos nim los kapos de Oxford ou de la Sorbonna lo podem refutar. (DOUGLAS DIEGUES, 2009, s.p.)

A discussão a ser proposta neste ensaio versa sobre a crítica cultural latino-americana na contemporaneidade, com uma primeira tentativa, por parte da autora, de relacionar com o que nos apresenta o poeta brasiguaiou Douglas Diegues, e utilizo, para tanto, o arcabouço de teóricos latinos e o que nos proporciona o bojo da Literatura Comparada dentro dos estudos culturais.

Como aporte teórico uso, especialmente, dois textos de Hugo Achugar (2006) que fazem parte de sua obra intitulada “Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura”, com os seguintes títulos: “Sobre o “balbucio teórico” latino-americano” e “Leões, caçadores e historiadores: a propósito das políticas da memória e do conhecimento”, além de outras literaturas referenciadas.

A obra de Achugar, “Planetas sem boca”, é o resultado da compilação de vários ensaios apresentados pelo autor em eventos acadêmicos mundo afora. Nesse livro, Achugar levanta a questão latino-americana da subalternidade do conhecimento; a importância de saber de onde se fala que deve ser **a partir** do lugar do enunciado, jamais sobre o local do enunciado; discorre, ainda, acerca do colonialismo cultural e a opressão cultural imprimida pelos grandes Centros culturais à América Latina e, igualmente, sobre a defesa do valor das “histórias locais”² que poderão fazer parte dos “projetos globais”³, quando o teórico chama atenção para “as chamadas “histórias locais” e a importância delas na produção dos “discursos teóricos” (ACHUGAR, 2006, p. 28), e mais, aborda também sobre “a obra crítica de Roberto Fernández Retamar - e suas implicações teóricas” no que tange às histórias locais (p.27).

O intelectual afirma ser de grande interesse o que “foi apontado por Walter Mignolo em relação aos quatro projetos críticos de superação da modernidade – pós-moderno, pós-colonial, pós-oriental e pós-ocidental” (ACHUGAR, 2006, p. 28).

Para Achugar, esse prefixo “pós” citado por Mignolo, é importante na medida em que tem relação com o pretérito/futuro inscrito na história uruguaia, a fase pós-ditatorial, história essa aludida em sua obra “Planetas sem boca”, ao longo das páginas de nº 26 a 29 que para o uruguaio “Tem a ver, [...], com a construção que os diversos e diferentes “latino-americanismos”⁴ têm realizado na América Latina” (ACHUGAR, 2006, p. 332). Acerca dos projetos críticos de superação da modernidade que despertaram interesse em Achugar, Mignolo diz:

Contribuem para a recuperação das histórias locais como produtoras de conhecimento que desafiam, substituem e deslocam as histórias e epistemologias globais, em um momento em que o sujeito, descarnado do conhecimento postulado por Descarte e articulado pela Modernidade, é cada vez mais difícil de sustentar. (MIGNOLO, 2003, p. 43).

O poeta brasiguaiou Douglas Diegues que “[...] mescla o inconformismo latino-americano (agravado pela pauperização dolarizada) ao conflito de identidade/nacionalidade [...]” (MATTOSO, 2003)⁵,

² ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca. p. 28.

³ MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/Projetos globais. p. 99.

⁴ Chamo atenção para a questão do sufixo empregado, no caso, **ismos**, que remete a uma forma de organização de poder das sociedades dos grandes Centros que trazem as teorias de fora para aplicar na América Latina, por conta disso a opção de alguns teóricos latino-americanos em optar por utilizar o sufixo **dade**.

⁵ MATTOSO, Glauco, 2003. (Orelha da capa do sonetário de D. Diegues)

como forma de recuperar suas “histórias locais” precisou desconstruir e construir sua língua literária em uma linguagem capaz de promover, pelo menos, um sussurro que pudesse ser captado alhures.

E o poeta reinventou uma língua a partir do âmbito das línguas em que estava imerso, tanto cultural quanto geograficamente, por conseguinte, línguas que fizeram e fazem parte de sua geoistória, e que acabaram por promover seu “pensamento subalterno”, seu “pensamento liminar”⁶ que de acordo com Mignolo:

O que todas essas palavras-chave têm em comum é seu rompimento de dicotomias, pelo fato de elas próprias constituírem uma dicotomia. Esta, em outras palavras, é a configuração-chave do pensamento liminar, pensar a partir de conceitos dicotômicos ao invés de organizar o mundo em dicotomias. O pensamento liminar, em outras palavras, é, do ponto de vista lógico, um lócus dicotômico de enunciação, e, historicamente, situa-se nas fronteiras (internas e externas) do sistema mundial colonial/moderno [...] e da modernidade/colonialidade. (MIGNOLO, 2003, p. 126 e 128).

Achugar diz a respeito das “histórias locais” a partir de quem as escreve, não são iguais para todos e afirma que “Não só as “histórias locais” não são equivalentes, mas também, como resulta daquilo que é afirmado pelo próprio Walter Mignolo, não os são as línguas” (ACHUGAR, 2006, p. 29), e cuidado maior precisaria ter os latino-americanos para quando registrar suas “histórias locais”, não o fazer em determinadas línguas “hegemônicas” que não representam a América Latina e que, principalmente, não dariam conta de representar a América Latina.

Acerca das “histórias locais”⁷, o teórico uruguaio declara que as mesmas corroboram para a produção de conhecimento mesmo que não sejam análogas para todos, e critica a fala de Mignolo quando este tentou atenuar o discurso de Retamar sobre o possível desaparecimento da produção intelectual latino-americana nos grandes Centros por conta da hegemonia da língua inglesa, o que levou Achugar à seguinte reflexão sobre o posicionamento ambíguo de Mignolo:

A proposta de Mignolo parece sugerir que a reivindicação e a restituição das “histórias locais” como produtoras de conhecimento [...] só é possível em inglês. O que possibilitaria perguntar se essa afirmação não tem a ver com as “histórias locais” a partir das quais Mignolo reflete e escreve – o campus universitário norte-americano e o surgimento de um “mercado” teórico latino-norte-americano, assim como a crescente “anglo-saxonização” da reflexão sobre a América Latina. “Pré” ou “Pós”, as “histórias locais”, como todo relato, pressupõe heróis e vilões, origens e fins, nós e conflitos, estratégias e modelos narrativos. (ACHUGAR, 2006, p. 30).

Nolasco em sua obra *Perto do coração selvaje* da crítica fronteriza fala da questão de ponderar a partir de:

Cada vez mais, convenço-me de que quando se estuda um determinado lócus periférico, marginal e subalterno, é preciso que se defenda uma forma de se pensar a partir dessa zona periférica, como também das margens dos projetos globais, [...]. É é como um conceito, ou melhor, como uma categoria que devemos articular o sentido de periférico, uma vez que essa categoria geoistórica subalterna tem por função epistemológica “deslocar do Primeiro para o Terceiro Mundo o lócus da enunciação teórica, reivindicando a legitimidade da ‘localização filosófica’⁸”. (NOLASCO, 2013, p. 92).

Para Diegues, o fato de suas vivências terem ocorrido em um lugar de confluência fronteiriça⁹, imersa em complementaridades, um entre lugares, nem aldeia indígena, nem Brasil, nem Paraguai,

⁶ “[...] é pensar nas e a partir das margens, [...] como uma futura ruptura epistemológica”(p.30). “[...] momentos de fissura no imaginário do sistema mundial colonial/moderno”. (MIGNOLO, 2003, p. 49).

⁷ Para Mignolo (2003, p. 126 e 254) o mesmo que “locais geoistóricos” que também quer dizer para o teórico, “[...] um lugar geográfico com uma história local particular”.

⁸ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais*. p. 162.

⁹ Neste caso, faço referência ao espaço geográfico mesmo, que com suas complementaridades formam um local do encontro de muitas culturas periféricas.

mas tudo isso ao mesmo tempo, permitiu ao poeta sussurrar, enunciar **a partir** de seu locus de enunciação com a propriedade de quem experienciou toda essa diversidade cultural que está à disposição do fronteiro, em uma linguagem periférica, subalterna, mas sem a poluição de língua “hegemônica”.

O teórico Mignolo assim considera os termos periférico e subalterno:

O sentido de ‘periférico’ é análogo ao sentido de ‘subalterno’, se concebermos que o termo se refere a ‘culturas’ e línguas e não apenas a classes sociais e comunidades – isto é, tudo que se situa num espaço relacional será colocado ‘numa posição inferior’”. (MIGNOLO, 2003, p. 270).

Como forma de provocar aqueles que para Diegues “se acham o flan da história”, segue o soneto nº. 7 que faz parte de sua primeira obra publicada e comercializada no Brasil, intitulada “Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes”¹⁰:

Soneto 7

el sol predomina – você va a descobrir que es mejor bibir sin reclamar
faz la revolución com mucho esperma y alegría
inbenta novas rimas
e esqueça lo que houver para olvidar

donde mora lo perigo y la locura
no basta llegar allá – entre los primeros
cuidado com los golpes rasters
lo resto es buena & mala literatura

considera la posibilidad de vitória de virada
derrota la crisis de la osadia
vocês es fuente de dolor y de alegría
mas no subestime las fuerzas que surgen de la nada

en la loteria genética (cassino de la ciência) importada da Francia
bocê é mais uma cobaia sin importância
(DIEGUES, 2002, p. 14)

Enunciar **a partir de** é a condição sine qua non para que o sussurro, o “balbucio”¹¹ do poeta brasiguaiense tenha a oportunidade de ser ouvido e aceito, quiçá pelos teóricos latinos, pois estes são aqueles que teorizam a partir da América Latina e que irão dar conta da teorização desse balbucio, afinal, são as vivências do poeta produzindo novos sons, libertos dos antigos discursos colonizadores.

Achugar (2006, p. 34) questiona: “Qual é a língua do discurso latino-americano elaborado na América Latina? É uma língua maior ou menor¹²? É um discurso minoritário ou maior?” e continua com suas elucubrações:

Por outro lado, os latino-americanos que atravessam a fronteira e se tornam migrantes ou pertencentes à “minoría” hispânica, ou latina, e que trazem uma notável diversidade de

¹⁰ DIEGUES, Douglas. Dá gusto andar desnudo por estas selvas. p. 14.

¹¹ “[...] balbucio teórico: o ensaio, o artigo, e o discurso ou, como Retamar argumentou [...], o “Pensamento” latino-americano”. (ACHUGAR, 2006, p. 38).

¹² Discurso minoritário e língua menor não são noções identificáveis e exigem readequações na hora de pensar o que ocorre na América Latina, ou na hora de confrontar isso que chamamos “América Latina” com o discurso hegemônico do “Commonwealth teórico”. (ACHUGAR, 2006, p.34).

heranças e que pertencem ou são sujeitos de distintos tipos de discurso, são homogeneizados, passando todos a funcionar como sujeitos do discurso dos migrantes – recentes ou seculares-, isto é, sujeitos ou falantes de uma “língua menor”. [...]. Podem os “marginais” e “subalternos” – sejam eles letrados ou iletrados – latino-americanos produzir discursos teóricos, ou devem limitar-se a traduzi-los do inglês, como costumavam fazê-lo – costumavam? – do francês, do italiano ou do alemão? (ACHUGAR, 2006, p. 35).

Devolvo a pergunta com outra: Como está sendo considerada a língua literária utilizada por Diegues? Primeiro, o próprio Diegues não considera nem tem interesse que seu “portunholito” se transforme em uma língua oficial, que seja gramaticalizado, pois segundo ele, caso isso acontecesse seu portunhol selvagem¹³ perderia toda sua graça; assim, a questão de alguns pretenderem desvalorizar sua língua literária, alcunhando de menor ou maior, para o poeta não tem a menor importância, para ele o mais importante é conseguir expressar com liberdade seu pensamento liminar por meio do que chama de uma “non-lengua”¹⁴.

Achugar em um de seus textos em tela, chama atenção para a questão das “histórias” e da “filiação”¹⁵ dos “povos sem histórias”¹⁶, qualificação recebida por “alguns “personagens” da história latino-americana”¹⁷ elaboradas por europeus que descreveram “[...] as visões dos “habitantes originais” do continente americano, as quais logo seriam herdadas para caracterizar os posteriores – “mesclados” ou “transculturados” – latino-americanos” (ACHUGAR, 2006, p. 30). Essa fala, discurso hegemônico, é a fala do Outro do Centro que invade e cala o Outro da periferia para “demarcar seu posicionamento”¹⁸ colonizador. Dessa forma, Achugar postula que:

O que me interessa, agora, é sublinhar a relação entre a narração do passado e as necessidades do presente, entre “filiação” e “história local”, entre “discurso acadêmico” e “concretos interesses locais”. Algo que, certamente, não é uma novidade. Trata-se, na verdade, do debate sobre as ou a narração/construção do passado e, ao mesmo tempo, do debate sobre os sujeitos dessa ou dessas narrações do presente. Ou, dito de outra forma, um debate sobre as memórias e a ou as identidades, [...].(ACHUGAR, 2006, p. 32).

Ainda, a respeito do questionamento de Achugar sobre qual a “filiação” latino-americana, quando usou testamento como metáfora de tradição¹⁹, ao teorizar sobre “Testamento, tradição, narrativa do

¹³ Primeiramente devemos fazer una distinción básica: una cosa es el portunhol, y otra cosa es el portunhol salvaje. Repetindo-me: El portunhol tiene forma definida. El portunhol selvagem non tiene forma. El portunhol es um mix bilingue. El portunhol selvagem es um mix plurilingue. El portunhol cabe em qualquer moldura. El portunhol selvagem non cabe em moldura alguna. El portunhol es bisexual. El portunhol selvagem es polissexual. El portunhol es meio papai-mamãe. El portunhol selvagem es mais ou menos kamassutra. El portunhol selvagem es transnacional. El portunhol es determinado. El portunhol selvagem es indeterminado. El portunhol tem color. El portunhol selvagem non tem color. El portunhol es um esperanto-luso-hispano-sudaka. El portunhol selvagem es um conceito propio de lengua poética de vanguardia primitiva que he inventado para fazer mia literatura, um deslimite verbocreador indomábel, una antropófaga liberdade de linguagem aberta ao mundo y puede incorporar el portunhol, el guarani, el guarañol, las 16 lenguas (ou mais) de las 16 culturas ancestrales vivas em territorio paraguayensis y palabras del árabe, chinês, latim, alemán, spanglish, francês, coreano etc. El portunhol pode ser dulce. El portunhol selvagem talvez seja mais trilce. Resumindo sem conclusiones precipitadas: el portunhol selvagem es free... (DIEGUES, 2009, s.p.)

¹⁴ DIEGUES, 2009, s.p.

¹⁵ O Outro, o Outro canibal ou bárbaro, o Outro objeto de um discurso, o Outro necessário para que o eu se constitua como sujeito, aparece e reaparece na construção das filiações ou, o que é a mesma coisa, da memória, seja individual, coletiva, pública, histórica ou oficial. (ACHUGAR, 2006, p.32).

¹⁶ Embora se prefira a “autoridade do documento”, escrito ou gráfico, poderia tratar-se de encontrar esse inestimável documento, essa “fonte primordial” que estabeleceu diferenças ou categorizou o diferente. [...] Ou, como ocorreu com a ditadura uruguaia, aquele que decidiu estabelecer categorias de cidadãos - A,B,C – e permitiu que uns falassem e outros não, que uns opinassem e outros não – como ocorreu durante a “conquista” com os índios, como parece ocorrer agora com a divisão do trabalho intelectual e a “hegemonia” de determinadas línguas. (ACHUGAR, 2006, p.30).

¹⁷ ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca, 2006. p.30.

¹⁸ “Situar e filiar o Outro possibilita estabelecer o posicionamento de quem fala, possibilita projetar ou inventar memórias, possibilita construir passados ou apagar histórias”. (ACHUGAR, 2006, p.32).

¹⁹ Para Mignolo (2003, p. 98), “Tradição”, não significa aqui algo “anterior” à modernidade, mas a persistência da memória.

passado, configuração do futuro, memória – e todos seus possíveis plurais -, a partir de onde pensá-los?”²⁰, e o teórico conjectura:

Não será que o lugar do discurso – maior ou menor -, dos latino-americanos – letrados ou iletrados, de esquerda ou de direita, homens ou mulheres, mineiros ou acadêmicos – para os ouvidos do hemisfério norte é sempre o do “balbucio” e o da incoerência ou inconsistência teórica? Não será que esse “balbucio teórico latino-americano” não é incoerência nem inconsistência? Não será que esse balbucio teórico é outro pensamento ou pensamento outro? Não será que balbuciar é um “discurso raro”, um “discurso orgulhosamente balbuciante”? Não será que eu tenha escolhido “balbuciar teoricamente” como um modo de marcar e prestigiar meu discurso? (ACHUGAR, 2006, p. 35).

Retornando ao poeta brasiguai, Diegues com sua obra tem a pretensão de demonstrar àqueles que tapam seus ouvidos para não ouvi-lo balbuciar que seu discurso vindo da periferia da fronteira-Sul do Mato Grosso do Sul/Paraguai, sua representação da linguagem, apresenta valor, e se seu sussurro não chega aos grandes Centros culturais, ao menos aqui, especificamente no Brasil, ainda mais, na fronteira-sul de Mato Grosso do Sul, fronteira do Brasil/Paraguai, deveria ser ouvido, apreciado e respeitado.

Diegues, sempre “deambulando”²¹ pelas palavras, palavras insurgentes de um “portunhol selvagem”²², a partir da fronteira, encontro de dois países, Brasil/Paraguai, local de onde seus “insurretos sonetos”²³ reconstroem, antropofagicamente, na escrita, suas vivências, onde [...] a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” e “vive” a “história local” (ACHUGAR, 2006, p. 29), Douglas se permite “um pensamento liminar” ou “gnose liminar”²⁴ (MIGNOLO, 2003, p.126), de seu locus fronteiriço.

O poeta Diegues construiu sua língua literária quando pensou em línguas, “um outro pensamento” (MIGNOLO, 2003, p. 112), quando mesclou as línguas faladas em seu locus fronteiriço, e mais, o poeta não importou línguas quando cunhou sua língua literária, sua nova linguagem periférica trilingue, pois elas fazem parte de sua fronteira cultural.

O “portunhol selvagem” de Diegues é o resultado da mescla de três línguas atravessadas, sobretudo, pelo português, pelo espanhol e pela língua ameríndia guarani, faladas na fronteira entre Brasil e Paraguai, no caso, mais precisamente entre as cidades conurbadas de Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY.

Essa é a fronteira que congrega a tríplice-linguística-literária de Douglas Diegues. E mais, no caso de Diegues, há outros elementos a mais nessa transgressão-escrita-literária: mais 16 outras línguas²⁵ que pululam em ebulição nessa fronteira (Sul) do estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Para o brasiguai Diegues (2011, p. 12):

El portunhol selvagem es una lengua poética de vanguardia primitiva que inventei para fazer mia literatura, um deslímite verbocreador indomável, uma antropofágica liberdade de linguagem aberta ao mundo y puede incorporar el portunhol, el guarani, el guarañol, las 16 lenguas (ou mais) de las 16 culturas ancestrales vivas em território paraguayensis y palabras del árabe, chinês, latim, alemán, spanglish, francês, coreano etc. [...]. Resumindo sem conclusiones precipitadas: el portunhol selvagem es free...²⁶

²⁰ ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca, 2006. p.33.

²¹ SANTOS, R. C. Z. 52º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 2004.

²² DIEGUES, Douglas. Dá gusto andar desnudo por estas selvas, 2003.

²³ MATTOSO, Glauco, 2003. (Orelha da capa do sonetário de D. Diegues)

²⁴ Gnose liminar para Mignolo (2003, p. 33), [...] conhecimento em geral, incluindo a doxa e episteme. [...] conhecimento em uma perspectiva subalterna, [...] produção do conhecimento, a partir tanto das margens internas do sistema mundial colonial/moderno [...], quanto das margens externas.

²⁵ Segundo Diegues, conforme entrevista citada.

²⁶ Entrevista que Diegues concedeu a Rodrigo Teixeira em 10/08/2011.

Exatamente por conta da mistura de todas essas línguas, vivenciadas por Diegues nessa fronteira, é que a língua literária dele foi para além do “portunhol” falado nesse local e recebeu do poeta o acréscimo da palavra “selvagem”, e é ela, essa língua literária, que permite ao autor partir da transgressão para a tradição por meio de seus versos “insurretos”²⁷.

A construção de sua língua literária emergiu de suas vivências, de seu bios revisitado, que proporcionou a insurgência de seu “portunhol salvaje”²⁸ que “[...] espelha a realidade dos mundos “social” e “natural” (MIGNOLO, 2003, p. 114), espelha e representa a realidade vivida a partir da fronteira-Sul, localização rica na diversidade cultural emanadas por/entre os países Brasil/Paraguai e das etnias ameríndias falantes do guaraní.

Assim, Douglas Diegues nos apresenta sua escrita transgressora, do entre fronteiras, do entre culturas, de um reconhecimento antropológico²⁹ da região fronteira, loci de suas vivências, que ficaram guardadas em sua memória, local do estopim criador de sua identidade literária, sua língua literária subalterna e periférica.

A mescla linguística, trilingue, utilizada por Diegues, seja na escrita de seus “sonetos salvajes”³⁰ ou na oralidade³¹, “[...] onde o falar em línguas é, ao mesmo tempo, uma forma de conquistar poder e de descolonização do conhecimento” (MIGNOLO, 2003, p.123), proporcionou ao poeta contemporâneo o desabrochar literário. Falar a partir da fronteira, da dicotomia fronteira é permitir o pensamento liminar, é pensar **a partir de** “[...] um lócus dicotômico de enunciação, e, historicamente, situa-se nas fronteiras (interiores + exteriores) do sistema mundial colonial/moderno [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 126).

A fronteira permite trocas sociais, culturais, econômicas, e principalmente, as linguísticas; enfim, a complementaridade entre as cidades e entre as pessoas é intensa. É um lugar especial, repleto de peculiaridades; nesse local, o homem adquire muitas culturas; onde tudo se permite, onde a complexidade e a diversidade estão presentes.

O poeta emite seu sussurro a partir de um espaço liminar, por meio de um pensamento liminar, na diferença colonial fronteira, no qual o trovador desbragadamente constrói, literalmente, sua “história local” (MIGNOLO, 2003, p. 26), e que ainda é vista (será que começaram a notar?) com desconfiança pela academia, em especial, e por ironia, a sul-mato-grossense. Para o teórico Nolasco (2013, p.60), “A definição dicionarizada de “liminar” e fronteira enquanto lugar onde algo começa a fazer sentido captam a condição ambulante e ambivalente, fronteira e fora do lugar (do eixo), migrante de origem, na qual convive (sobrevive) todo e qualquer sujeito subalterno”.

O rechaço da academia sul-mato-grossense à obra de Diegues vai muito para além do burlesco, é a periferia rechaçando um sussurro, um “balbucio”³², igualmente, periférico, marginalizado, subalterno³³. Achugar interroga acerca do “discurso crítico latino-americano”:

²⁷ Glauco Mattoso, na orelha do sonetário “Dá gusto andar desnudo por estas selvas.”

²⁸ DIEGUES, Douglas. *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*, 2003.

²⁹ Esta ciência estuda, principalmente, os costumes, crenças, hábitos e aspectos físicos dos diferentes povos que habitaram e habitam o planeta.

³⁰ DIEGUES, Douglas. *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*, 2003.

³¹ A questão da oralidade do “portunhol selvagem” de Douglas Diegues precisa ser levantada e vista com atenção, posto que está imbricada, muito além da sua literatura, no seu dia a dia, visto que o poeta a utiliza seja nas conversas comuns entre amigos, como igualmente, em entrevistas de trabalho. Como o poeta afirma, o portunhol *salvaje* pertence a sua “habla y escritura”.

³² “[...] em que medida os que não teorizam como ‘eu’ são bárbaros que não sabem falar grego ou, o que seria a mesma coisa, se apenas “balbuciam”, dado que não teorizam dentro do meu sistema? Quem determina que um discurso seja pejorativamente simples “balbucio”, o sujeito que fala ou o que escuta?” (ACHUGAR, 2006. p.43).

³³ “Spivak tem defendido que o subalterno não pode falar e que, no momento da fala, abandona ou deixa de estar na situação de subalterno. Homi Bhabha e Luce Irigaray têm proposto - com distintas implicações e a partir de distintos posicionamentos - que a única coisa que resta a certos sujeitos “marginais” ou “híbridos” é a “imitação” (mimicry). (ACHUGAR, 2006, p. 43).

É possível propor o “balbucio teórico” como uma descrição do discurso teórico latino-americano? Ou, inclusive, como uma descrição do discurso teórico não euro-norte-americano [...]. É o “balbucio teórico” uma categoria de análise válida, pertinente e produtiva? [...]. A crítica cultural e o “ensaísmo”, ou o pensamento latino-americano, são balbucios teóricos carentes de validade por não se regerem pelos parâmetros acadêmicos do pensamento “escolar” [...]. (ACHUGAR, 2006, p. 43).

Parece que, no Brasil, ainda há o preconceito da questão da qualidade do que é pensado a partir de nosso lócus, ou melhor, da nossa América Latina. Aquele ditado que diz que em casa de ferreiro o espeto é de pau, cabe bem com o que acontece aqui na linha abaixo do equador, onde importar teorias ainda é mais interessante e agrega valor do que validar nossas teorizações que não se encaixam em “[...] um pensamento “sistemático” e “metódico”³⁴ exigido pelos centros culturais.

O discurso teórico latino-americano não costuma apresentar-se em forma de “tratado ou curso sistemático e metódico”, mas sob a forma menos rigorosa do ensaio e do artigo e, inclui, não só “teóricos puros” ou “críticos” latino-americanos – como Alfonso Reyes, Pedro Henríque Ureña etc. – mas também, sempre, segundo as palavras de Retamar, “protagonistas de nossa literatura” – como Martí, Darío etc. [...] Aqueles que pensam que há somente um modo, ou somente uma via, para o trabalho teórico – seu modo, ou o modo com que suas instituições definem como a via – não podem reconhecer o discurso do outro como estruturado e qualificaram – desqualificaram – como balbucio tudo o que eles interpretam como “não-sistemático” e “não metódico”. Novamente, parece que há um modo hegemônico [...] de teorizar, e um outro modo canibal, subordinado, menor. (ACHUGAR, 2006, p. 38).

Adentrando agora no segundo ensaio a ser trabalhado aqui pela autora, Achugar inicia com uma alegoria entre um provérbio africano e uma anedota brasileira³⁵, onde demonstra como os subalternos latino-americanos são vistos pelos grandes Centros culturais.

Na comparação apresentada por meio dos três personagens, somos os leões, animais que apesar de serem considerados o rei dos animais, na fala eurocêntrica nos representam como os oprimidos, o povo sem história, visto que acima de nós, os latino-americanos, há ainda os caçadores e os historiadores, e são estes últimos os donos da pena que escrevem a história sempre a favor dos caçadores, considerados os heróis, os donos da visão hegemônica que vez por outra nos permitem algum balbucio. E os caçadores? Ah, estes são nossos tiranos, aqueles que enunciam **sobre** a América Latina sem, contudo, vivenciá-la, ou ao menos conhecê-la minimamente, e assim, enunciam **sobre** ela da forma mais exótica possível. A partir da comparação apresentada entre os personagens do provérbio africano, Achugar a considera como:

“[...] uma descrição do cenário contemporâneo em relação aos vários debates do presente fim de século. Assim, a discussão em torno das identidades em relação à nação, à região e ao processo de globalização parece centrar-se no tema da posicionalidade. Mas, também, como o mesmo relato indica, supõe o debate sobre o próprio relato historiográfico e sobre as localizações da memória. Inclusive, supõe o debate em torno do estatuto tanto da memória oficial como da memória coletiva; da memória a partir do poder, como também da memória a partir dos oprimidos.[...]. Posicionalidade, localização e memória são, então, os centros do debate político e intelectual desse final de século. (ACHUGAR, 2006, p. 53-54).

Dentro da América Latina há várias Américas, cada qual produzindo seu enunciado que, todavia, é ignorado pelo fato de não ser proferido na língua inglesa, terminando por forçar sua

³⁴ ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca, 2006. p.38.

³⁵ Sobre a anedota do amigo da onça - “A história da onça acrescenta um personagem, ou uma situação, à cena do provérbio africano: trata-se do intelectual que, sem ser onça ou leão, é, no entanto, amigo da onça. Aquilo que foi acrescentado é a posicionalidade do intelectual que, sem pertencer ao âmbito dos oprimidos leões, coloca-se a seu lado e toma, se não uma identidade emprestada, pelo menos, uma “consciência de onça” emprestada”. (ACHUGAR, 2006, p. 53).

homogeneização³⁶, sendo então sumarizada em subalterna. Entre essas “Américas” há uma luta de poder onde cada qual, “sujeitos diferentes”, pejam “pela construção de seu projeto em função de suas memórias particulares”³⁷. A respeito de memória, Achugar lembra que:

Toda memória, toda recuperação e representação da memória, implica uma valorização do passado. O tempo da avaliação nesse fim de século é, para uns, pós-nacional e, para outros, pós-colonial³⁸. [...] O lugar a partir de onde se lê, na América Latina, está nutrido por múltiplas memórias que se chamam Guamán Poma, Atahualpa, o Inca Garcilaso, Bolívar, Artigas, Martí, Hostos, Mariátegui, Torres García e muitos outros mais, [...]. A paisagem, que traça essas múltiplas memórias, supõe um posicionamento e um lugar específico a partir de onde se fala e a partir de onde se lê. Especificidade, isso sim, que se desfaz se se “fala” ou se “lê” a partir da condição ou lugar do migrante. [...]. E se desfaz, não só pelo processo de globalização econômico-financeira, mas, também, pelo fato de que, a partir da perspectiva do migrante, o lugar da história e das múltiplas memórias – hegemônicas ou oprimidas – é parte de um passado que não tem vigência no novo lugar a partir de onde se fala. (ACHUGAR, 2006, p. 59-60).

Achugar levanta o mote sobre o que provoca as migrações sul-norte no bojo da

[...] sociedade contemporânea [...] ao impacto que a diversidade étnica, religiosa e cultural tem produzido no interior de países [...] monoculturais. [...] O reconhecimento da heterogeneidade da América Latina, assim como a do resto do planeta, não parece ser mantido quando se propõe o paradigma do pós-colonial. Por que não reconhecer que as políticas da memória e do conhecimento estão ligadas ao lugar a partir de onde se fala e a partir de onde se lê, e que os problemas desse conjunto - nada homogêneo – dos chamados “latinos” nos Estados Unidos, não são, necessariamente, os do heterogêneo conjunto dos chamados “latino-americanos” vivendo em seus respectivos países ou inclusive migrados para outros países da América Latina? (ACHUGAR, 2006, p. 62).

Os teóricos eurocentristas não reconhecem que há muito os latino-americanos levantaram a bandeira da discussão do passado colonial, e que mesmo com tamanha heterogeneidade de legados, de memórias e histórias distintas, ainda assim são sujeitos produtores de conhecimento. É necessário que compreendam que nós, da América Latina, podemos resolver nossas demandas histórico-culturais³⁹ a partir do “pensamento latino-americano”⁴⁰.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

³⁶ “Na maior parte do pensamento originado no marco do *Commonwealt* teórico pós-colonialista, ignora-se a produção latino-americana ou, no melhor dos casos, procede-se à análise da América Latina como um conjunto homogêneo derivado de um passado histórico, supostamente comum em essência, com a Índia, a África e outras regiões do planeta. [...] um dos maiores equívocos no tratamento da América Latina é o da sua homogeneização ou o da sua redução como epítome do pós-colonial ou do subalterno”. (ACHUGAR, 2006, p. 55).

³⁷ ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca, 2006. p.56.

³⁸ “[...], a construção que se propõe da América Latina, dentro do marco teórico dos chamados estudos pós-coloniais, aponta para que o lugar a partir de onde se fala não é – ou não deveria ser – o da nação, mas o do passado colonial. Essa re-localização – [...] – do lugar a partir de onde se fala pressupõe a obsolescência da categoria “nação”, no atual fim do século, ao mesmo tempo que uma celebração da “fronteira”. Apesar de que os atuais processos de globalização econômico-financeira, de mundialização da cultura, de integração regional e de migração planetária tendem, se não a apagar, a relativizar os limites e os espaços nacionais, isso não implica que o “local” desapareça. (ACHUGAR, 2006, p. 56).

³⁹ “[...] que podemos dar conta dos fenômenos histórico-culturais da América Latina, tanto de seu presente como de seu passado, a partir de marcos teóricos como os contidos em categorias como as de “Nossa América” e outras desenvolvidas pelo pensamento latino-americano”. (ACHUGAR, 2006, p. 63).

⁴⁰ ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca, 2006. p.63.

Refletir acerca da crítica cultural latino-americana, procurando inserir nela, ou melhor, tentando ver nela como se insere o poeta dos novos tempos, Douglas Diegues foi, deveras, um exercício de conhecimento.

Perceber a importância de se promover teorias **a partir** de nosso locus enunciativo, fez com que desenvolvesse um olhar mais perspicaz em direção a nossos teóricos, como forma de entender a visão de cada um a respeito do conhecimento acerca dos países/povos latinos.

Douglas Diegues, assim como outros pensadores da América Latina, está fazendo sua parte, balbucia a partir da linha abaixo do equador, dos trópicos, de onde o sol se põe; emite seu pensamento liminar na forma de “sonetos salvajes”, textos em prosa e, atualmente, por meio de suas “transdelirações”⁴¹.

Em seu país de nascimento, até 2016, Diegues teve apenas uma obra publicada por uma editora brasileira, o seu sonetário *Dá gusto andar desnudo por estas selvas - Sonetos Salvajes* (2002), suas demais obras foram/são publicadas por editoras alternativas chamadas cartoneras⁴².

O poeta que criou a editora cartonera Yiyi Jambo em Asunción/PY promove publicações cartoneras, artesanais, a partir de materiais reciclados, suas e de outros autores periféricos, marginalizados como ele, desse modo, cada livro é especial, é diferente, uma vez que cada capa é única. É um poeta que está a balbuciar, proporcionando o balbucio de outros.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. Leões, caçadores e historiadores: a propósito das políticas da memória e do conhecimento In:_____. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. Sobre o “balbucio teórico” latino-americano. In:_____. _____. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DIEGUES, D. ***Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes***. Curitiba, PR: Travessa dos Editores, 2002.

Douglas Diegues: entrevistas. **Digestivo Cultural**. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. [jan. 2009]. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas_Diegues>. Acesso em: 02 set. 2015.

MIGNOLO, Walter D. ***Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar***. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar C. ***Perto do coração selbaje da crítica fronteriza***. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

⁴¹São grandes poetas: Baudelaire, Pessoa, Cesário Verde, Panero, traduzidos em «transdeliraciones, teletransportaciones, transinenciones» para que nós, os comuns mortais, possamos senti-las; como também, para que Diegues as sentisse como dele (livro *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*, 2015).

⁴² São editoras que trabalham com materiais reciclados – compram dos catadores de rua papelões, com os quais fazem a capa dos livros que são pintadas por colaboradores, ou por quem desejar um momento de relaxamento, dessa forma, cada capa é diferente de outra, cada livro é único.

SANTOS, Rosana C. Z. **Deambulando pelas fronteiras lingüístico-literárias dos poemas de Douglas Diegues**. In: Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 52., 2004, Campinas - SP, Anais... Campinas – SP: UNICAMP, 2004.